



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

JEFFERSON FERNANDES DANTAS

**EXPECTATIVA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO PARA FUTUROS
ARQUIVISTAS: analisando a visão de graduandos do curso de Arquivologia da
UFPB**

ORIENTADORA: PROF^a MS ANA CLAUDIA CRUZ CÓRDULA

**JOÃO PESSOA - PB
2017**

JEFFERSON FERNANDES DANTAS

**EXPECTATIVA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO PARA FUTUROS
ARQUIVISTAS: analisando a visão de graduandos do curso de Arquivologia da
UFPB**

Trabalho apresentado ao curso de graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: **Ms. Ana Claudia Cruz Córdula**

JOÃO PESSOA - PB
2017

D192e Dantas, Jefferson Fernandes.

EXPECTATIVA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO PARA
FUTUROS ARQUIVISTAS: analisando a visão de graduandos do curso de
Arquivologia da UFPB / Jefferson Fernandes Dantas. – João Pessoa, 2017.
45f.: il.

Orientador(a): Prof^ª Msc. Ana Cláudia Cruz Córdula.
Trabalho de Conclusão de Curso (Arquivologia) – UFPB/CCSA.

1. Arquivista. 2. Arquivologia. 3. Paraíba. 4. Mercado de Trabalho. I.
Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:930.25(043.2)

JEFFERSON FERNANDES DANTAS

**EXPECTATIVA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO PARA FUTUROS
ARQUIVISTAS: analisando a visão de graduandos do curso de arquivologia da
UFPB**

Trabalho apresentado ao curso de graduação em
Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas,
da Universidade Federal da Paraíba, como requisito
para obtenção do grau de Bacharel.

Aprovado em: 26 / 07 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Ana Claudia Cruz Cordula

PROF.^a DCI/UFPB
MS. ANA CLAUDIA CRUZ CORDULA
ORIENTADORA

PROF.^a DCI/UFPB
DRA. BENARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA
EXAMINADOR

Luiz Eduardo Ferreira da Silva
PROF. UFPB
MS. LUIZ EDUARDO FERREIRA DA SILVA
EXAMINADOR

Em memória a minha amada Tia Juvina (Santa), a minha Avó Maria que sonhou comigo este título de graduação e diploma, a Tia Lindinalva por todo esforço.

DEDICO

“A fé na providência, de fato, não dispensa a fadigosa luta por uma vida digna, mas liberta da ansiedade pelas coisas e do medo do amanhã.” (Bento XVI)

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, ser grato a Deus por toda oportunidade de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Agradeço

Àqueles que fizeram com minha vida neste mundo fosse possível, meus pais José Flávio (Zé Flávio) e Edinalda (Naldinha).

Àqueles que quando incapaz me guiavam ao caminho da escola, Tia Fofura, Tia Severina.

Àquela que sempre mostrava orgulho em falar sobre o término de uma graduação, meu muito obrigado Vó Maria por acreditar que tudo isso seria possível uma dia.

Àquela que batalhou para que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade e sempre me ensinou que a procura constante por conhecimentos sempre nos edificaria e essa seria a única herança que nossa família poderia nos deixar. Gratidão Tia Lindinalva

A todos amigos que me compreenderam durante toda caminhada acadêmica. Obrigado! Se fosse citar todos os nomes teria que escrever um outro trabalho.

Aos professores por todo conhecimento passado em sala e extra sala, em especial a Prof^a Luciana Costa por ter guiado meus primeiros passos na vida acadêmica, levei-os até o fim. Ao Prof^o Edvaldo Carvalho por proporcionar o primeiro contato com a pesquisa científica, a Prof^a Alba Lígia por guiar os primeiros passos nas monitorias.

A Prof^a Ana Cordula por se dispor a auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos examinadores por toda contribuição e troca mutua de conhecimentos, Prof^a Bernardina Freire e Prof Luis Eduardo.

Aos que junto comigo partilharam dos aperreios, descobertas, estresses, alegrias, longas greves... A vocês do que ingressaram comigo em 2012.2 muito obrigado.

Agradeço a famosa Pasta Rosa, formada por mim, Aurekelly Rodrigues, Marcílio Herculano, Rita de Cassia (teve que trancar o curso ☹) Daniel Canuto e Jefferson Peres. Muito Obrigado por tudo que vivemos e aprendemos juntos.

Agradeço imensamente aos ambientes de trabalho que percorri durante a graduação, em especial ao Núcleo de Pessoal da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego na Paraíba, pelos conhecimentos adquiridos e pelas amizades apresentadas, aos que dividiram comigo o dia-a-dia do NUPES Roberto Nóbrega, Aurélio Régis, Lúcia Guedes, Fátima Simões. As amizades surgidas Katharine Silva, Larissa Sampaio, Cayan Figueiredo, Tulio Ariosto, Rayssa Oliveira, Vandson Galdino, Álvaro Figueiredo, Candice Lopes, aos que foram chegando Larissa Serpa e Artur Sales. Foram tempos muito bons!

Grato a toda equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), pelos conhecimentos, alegrias, vitórias e momentos de tensão compartilhados. Gratidão a Cassandra Figueiredo, Thyago Henriques, Priscilla dos Anjos, Perlla Góis, Gabi Pontes, Artur Veiga, Rossane Lacet, Fatima Cavalcanti, Gúbio Mariz, Socorro Melo, Lucinaldo Lins, Lucinda Pires, em especial a minha coordenadora Márcia Albuquerque e aos meus colegas de sala Prof Edvaldo Lira e Prof Carlos Azevedo.

Enfim, gratidão a todos que junto comigo lutaram e acreditaram que este um dia chegaria.

RESUMO

Objetivamos neste trabalho analisar a expectativa dos discentes do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, frente ao mercado de trabalho. Neste sentido, buscamos compreender, as motivações que conduziram a escolha do Curso e os desafios ao longo da trajetória acadêmica. O caminho metodológico adotado se constituiu do levantamento bibliográfico, e posteriormente, da pesquisa de campo realizada na UFPB, ou seja, a aplicação de um questionário, o qual abordou os encaminhamentos para compreensão das expectativas dos discentes. Desta maneira, a técnica percorreu a análise quantitativa, qualitativa, bem como, à análise de conteúdo de Laurence Bardin. Dentre os resultados, destacamos a predominância do gênero feminino, com uma faixa etária entre 31 e 40 anos, que estão inseridos no mercado de trabalho, em sua maioria em áreas distintas da Arquivologia, mas que vêem o referido curso como uma possibilidade de melhorar a sua realidade profissional e financeira. Nesse contexto, por ser uma profissão relativamente recente, foi compreendido ao longo da pesquisa que os egressos enfrentam desafios constantes para sua inserção no mercado de trabalho, especialmente na esfera pública.

Palavras-chave: Arquivista. Arquivologia. Paraíba. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

It is aimed to analyze the expectative of the students of the Archival Course of the Federal University of Paraíba in face of the labor market. In this sense, it is searched to comprehend the motivations that led to the choice of Course, as well as the challenges along the academic trajectory. The methodological procedures consist of a bibliographic survey and, subsequently, a field research developed at the UFPB, that is, the application of a questionnaire that approached the referrals for the comprehension of the expectancies of students. This way, the research technique includes quantitative and qualitative approach as well as the Content Analysis by Laurence Bardin. Among the results, it is highlighted the prevalence of the feminine gender with age group from 31 to 40 years, who are inserted in the labor market, most of them in areas that are different of Archival Science. However, they consider the Course a way of improving their financial and professional reality. In this context, considering that it is a relatively recent profession, the research shows that the former students face constant challenges for their insertion in the labor market, especially in the public service.

Keywords: Archivist. Archival Science. Paraíba. Labor Market.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01- Gênero dos respondentes	28
Gráfico 02 – Faixa etária dos entrevistados.....	28
Gráfico 03 –Respondentes inseridos no mercado de trabalho	29
Gráfico 04 - Segmento de TrabalhoFonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017.....	30
Gráfico 05– Período matriculado dos respondentes.....	31
Gráfico 06– Realidade dos respondentes quanto cursar ou não em outro curso superior	31
Gráfico 07 – Curso de Arquivologia como primeira opção.....	32
Gráfico 08– O que motivou a cursar Arquivologia?Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017	33
Gráfico 09 – Visão do atual mercado de trabalho para o profissional ArquivistaFonte: Dados da Pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017.....	35
Gráfico 10– Visão do atual mercado de trabalho pro Grupo	36
Gráfico 14- Atuação do Arquivista no mercado e a motivação causada: análise por grupos.....	38
Gráfico 15 -O que espera do mercado de trabalho ao concluir o curso	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	14
2. ARQUIVOLOGIA E O PROFISSIONAL ARQUIVISTA: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	16
2.1 INDÍCIOS HISTÓRICOS DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E NA PARAÍBA	19
3. O MERCADO DE TRABALHO PARA O ARQUIVISTA: um campo sendo desbravado	24
4. COLETANDO OS DADOS, ANALIZANDO OS RESULTADOS	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A - MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO	43
APÊNDICE B - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO	45

1 INTRODUÇÃO

A realidade do mercado de trabalho no cenário arquivístico demonstra o surgimento de uma ampliação do ofício, uma vez que, atualmente perpassa as práticas da gestão documental trazendo ênfase para além do documento (organização, tratamento, acesso e uso) evidenciando como foco a informação arquivística. Nesse sentido, Silva et al. (2009) compreende a Arquivologia sob a perspectiva de dois paradigmas, conforme evidencia o Custodial e o Pós-Custodial. O primeiro, debruça-se sobre a valorização do documento enquanto suporte, evidenciando a materialidade da informação, este por sua vez, traz como fio condutor a guarda do documento, ratificando o seu valor permanente. Já o Pós-Custodial, considerado por Soares, Pinto e Silva (2015) como dinâmico, informacional e científico, evidencia a informação como fator principal do fazer arquivístico, sendo o seu acesso e uso, crucial para o cotidiano de uma instituição.

Partindo das mudanças de paradigma, o Arquivista deve se aprofundar e se aperfeiçoar, visto a necessidade do acesso rápido às informações que se reflete em novos espaços e novas oportunidades de trabalho mais eficientes e mais exigentes. Nesse sentido, ao longo da história, o Arquivista foi compreendido de maneiras diferentes, tais como, na fase custodial, como Arquivista paleógrafo e Arquivista auxiliar de história; na transição técnica e custodial, como Arquivista especialista em arquivos; e por fim, na fase científica e pós-custodial, o Arquivista é finalmente reconhecido como um profissional e cientista da informação. (SILVA et al., 2009)

No entanto, é válido ressaltar que a mudança de paradigma custodial, o Arquivista ganha novas formas de atuação, neste sentido, a utilização de práticas específicas são necessárias que se mantenham atuais, não perdendo o campo de essência deste profissional.

É inegável, porém, que o Arquivista possua uma organização apropriada, senso crítico e flexibilidade para atuar em equipe. O fazer do Arquivista é amplo e os ambientes de trabalho são diversos, visto as funções ligadas à informação, consequência do desenvolvimento do que se convencionou denominar “sociedade de informação”.

Partindo desta perspectiva e de nossa questão problema **“Como os graduandos do Curso de Arquivologia da UFPB enxergam o mercado de trabalho?”**, objetivamos neste artigo, analisar a perspectiva dos alunos do curso de graduação em Arquivologia da UFPB sobre o mercado de trabalho, para isso traçamos o perfil do estudantes do curso, mapeamos os motivos pelo qual os discentes optaram pelo curso de Arquivologia e categorizamos as expectativas dos discentes ao concluírem o curso.

O Curso de Arquivologia na Universidade Federal da Paraíba é relativamente novo. Nesta perspectiva, ao observar o olhar dos discentes, foi construída uma reflexão sobre o ofício do Arquivista e as expectativas dos alunos, estudo este significativo por viabilizar, social e academicamente, um parâmetro da realidade dos discentes quanto as possibilidades oferecidas por esta formação. Contudo constatamos que, atualmente existe um número relativamente pequeno de pesquisas que se dedicam a esta temática, o que nos aponta para uma lacuna de conhecimento nesta área, e o que configura esta produção em uma contribuição original, relevante e significativa para o Curso de Arquivologia, e conseqüentemente, para a UFPB.

Nesta perspectiva, utilizamos como espaço de pesquisa o Curso de Graduação em Arquivologia, criado em 1977, com a finalidade de formar profissionais capacitados e qualificados à se adequarem às exigências do mercado de trabalho. Assim, diante da diversidade de áreas de atuação do Arquivista, é relevante observar o olhar e anseios dos discentes, uma vez que é exigida deste profissional uma sólida formação acadêmico-cultural.

Metodologicamente iniciamos com o levantamento bibliográfico. Embasados teoricamente, utilizamos a técnica de pesquisa quantitativa por meio de um questionário, o que nos possibilitou construir um mapeamento de dados referente às expectativas quanto ao mercado de trabalho.

1.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Toda pesquisa percorre um caminho a ser desenvolvido conjuntamente pelo pesquisador e objeto a ser pesquisado. O primeiro ao levantar questionamentos,

começa a traçar objetivos e metas a serem alcançadas por meio das informações, fruto da análise dos dados pesquisados. Nesta perspectiva, a construção desta pesquisa se configurou em três etapas: a construção da fundamentação teórica, a aplicação de um questionário (APÊNDICE A), e a análise dos dados e discussão dos resultados.

Na primeira etapa recorreremos à pesquisa bibliográfica, na qual nos ancoramos na busca de aportes teóricos que versam sobre mercado de trabalho, Arquivologia e sua realidade. Consideramos classificar esta pesquisa como exploratória por buscar proporcionar uma visão mais ampla sobre a temática explorada. Assim concordamos com Gil (2008, p.27) que as “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Na segunda etapa, realizamos a pesquisa de campo no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da UFPB, junto aos discentes do curso de Arquivologia. E na terceira etapa, apresentamos e última a análise dos dados.

Nesse contexto, o campo empírico da pesquisa delimitou-se ao Curso de Arquivologia da UFPB, campus I, precisamente com os alunos do primeiro, quinto e décimo período no semestre 2016.2. Por meio da percepção dos mesmos, buscamos analisar como se configura a expectativa dos discentes que estão começando o curso, dos que estão no meio da graduação e dos concluintes. A pesquisa contou 48 respondentes dos quais, 20 são do primeiro período, 14 são do quinto e 14 do décimo.

Obedecendo a postura ética necessária, mantivemos o sigilo com relação ao nome dos participantes, e para análise dos dados, cada discente participante recebeu um código de acordo com o seu período de curso. Os alunos do primeiro período foram identificados com A, o quinto período como B e o décimo como C. Neste sentido, na categoria "A" vai do "A1" ao "A20"; o "B" compreende "B1" a "B14" e o "C", do "C1" a "C14". Todos os respondentes assinaram um termo de consentimento (APÊNDICE B) livre e esclarecido, sem conexão com o questionário, para reforçar o anonimato de seus posicionamentos e colocações.

Como instrumento de coleta de dados, realizamos a elaboração de um questionário composto por perguntas objetivas e subjetivas. O mesmo foi estruturado em duas partes, a primeira se propôs a traçar o perfil dos respondentes, e a segunda,

pautada em questionamentos que revelem as expectativas sobre o mercado de trabalho para os Arquivistas.

Neste sentido, realizamos a pesquisa quantitativa e qualitativa, visto que as escolhas não se centram somente numa representatividade puramente numérica, mas também pela preocupação com o aprofundamento da compreensão de um problema em um determinado contexto, já que estes dois tipos de pesquisas de acordo com Minayo (2002) não são excludentes entre si, mas completam-se de maneira a fornecer uma compreensão mais clara da realidade, ou seja, a pesquisa qualitativa deleita-se em um mundo de significados e a quantitativa em números.

Para analisarmos os dados quantitativos, reflexo das perguntas objetivas, nos ancoramos na estatística expressa por dados percentuais e demonstrando de maneira ilustrativa por meio de gráficos. Com relação aos dados qualitativos, presentes nos questionamentos subjetivos, nos pautamos na técnica de categorização por meio do método de análise de conteúdo, perspectiva apontada por Bardin (2011), que se ancora na construção de categorias analíticas a partir, neste caso, das respostas dos respondentes.

2. ARQUIVOLOGIA E O PROFISSIONAL ARQUIVISTA: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

A prática arquivística está atrelada a própria existência do homem. Segundo Silva et al (2009), desde que a humanidade começou a expressar-se por meio da escrita, esta expressão de conhecimento e registro de ações, precisavam ser preservadas para a utilização futura.

Sendo assim, é perceptível que a ação de registro, advinda da necessidade natural de comunicação, proporcionou o surgimento dos arquivos, tal como afirma Silva et al (2009) ao relatar que a existência dos arquivos precedeu-se às antigas civilizações do Médio Oriente. Ainda comungando dos conhecimentos desses autores, “os arquivos no seu estágio embrionário deverão ter surgido há cerca de uns

seis milênios, na vasta área do chamado <<crescente fértil>> e Médio Oriente. (Silva et al, 2009, p. 45)

Assim, as práticas Arquivistas surgiram da necessidade de organização evidenciadas à época, que relatadas por Rousseau e Couture (1998) já se comentavam sobre possíveis mudanças no método de trabalho conforme citação.

A disciplina arquivística desenvolveu-se em função das necessidades de cada época. Ela é constituída por um *sovoir-faire* que se foi acumulado ao longo dos anos. **O métodos de trabalho mudaram**, mas encontramos geralmente as mesmas preocupações funcionais. (ROUSSEAU E COUTURE, 1998, p. 48) (grifo nosso).

Partindo do pressuposto, dialogamos com Silvia et al. (2009), os quais afirmam que as práticas arquivísticas se deram devido ao considerável aumento de documentos partindo do século XVI. Neste sentido,

A partir do século XVI, as rotinas da profissão começam a ser frequentemente disciplinadas por normas regulamentares, algumas inclusive de caráter oficial. Não obstante o conteúdo pragmático das mesmas, verifica-se que elas têm já imanescentes princípios gerais de natureza arquivística, os quais irão adquirir depois a forma de postulados, levando ao nascimento de uma nova disciplina – a Arquivística – como construção conceptual e sistemática do saber adquirido por uma prática milenar da gestão dos arquivos. (SILVA et al, 2009, p. 93)

O fazer arquivístico perpassou por dois momentos marcantes, onde desassociou-se sua forma de observar a informação, o documento e o suporte. As fases chamadas Custodial e Pós-Custodial, proporcionaram uma nova forma de olhar a Arquivologia. A fase de hoje é institucionalizada dos princípios arquivísticos Revolução Francesa, na qual, os diversos documentos necessitam de gestão na organização e armazenamento, possibilitando o acesso aos usuários para consulta, e conseqüentemente, uma vida mais duradoura aos documentos.

Soares, Pinto e Silva (2015) afirmam que a demanda surgida, inicialmente pelas instituições, exigia um profissional adequado, capaz de manusear toda documentação de forma correta, visando um acesso rápido e eficaz.

Assim, compreende-se que a Arquivística [...] deriva da institucionalização e da necessidade de profissionalização do pessoal alocado a esses serviços e quando surge aglutinando a formação ministrada a essa “massa funcional” assume um viés claramente positivista. (SOARES, PINTO e SILVA, 2015, p. 23)

Arquivologia foi se estruturando enquanto disciplina configurando o surgimento do Arquivista atual. Rousseau e Couture (1998) apontam que a nova consolidação do ser Arquivista procedeu-se com publicações norteadoras direcionadas as práticas arquivísticas, ou seja,

Um *corpus* científico constitui-se de diversas maneiras, mas sobretudo através da publicação de manuais de especialidade e da criação de atividade de formação. O Arquivista atingiu maturidade suficiente para ter uns e outros. A publicação de manuais representa uma etapa na constituição de uma disciplina científica. Estas obras articulam a teoria e práticas em torno de uma abordagem única e permitem a transmissão do estado dos conhecimentos bem como o estabelecimento de uma tradição (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 53)

Isso ratifica que,

A publicação de manuais representa uma etapa na constituição de disciplina arquivística. Estas obras articulam a teoria e as praticas em torno de uma abordagem única e permitem a transmissão do estado dos conhecimentos bem como o estabelecimento de uma tradição (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 53).

Neste sentido, a Arquivologia foi consolidando-se enquanto disciplina, e por outro lado, o Arquivista desenvolvendo-se e desempenhando sua função na sociedade. Dentre outros autores Schellenberg (2006) , Heredia (apud Fonseca, 2015) e Silva cominam todo esse avanço e crescimento a primeira publicação que tratava diretamente sobre alguns temas e técnicas arquivísticas, elaborada pelos Arquivistas Holandeses Muller, Feith e Fruin, em 1898, intitulado de *Ordenen em Beschrijven van Archieven*, para nós o conhecido Manual dos Arquivistas Holandeses. Tendo tamanha representatividade na área, esse manual para Silva et al (2009) foi um marco de um novo período na Arquivística.

Heredia (1983, p.28) apud Fonseca (2015, p. 32) afirma que “[...] o desenvolvimento da Arquivologia moderna tem muito a ver com a difusão do

manual dos Arquivistas holandeses”. Segundo Schellenberg (2006, p.36) “o mais importante manual escrito sobre administração de arquivos é, provavelmente, o de um trio de Arquivistas holandeses”. Com essas menções podemos afirmar que o Manual dos Holandeses é um marco relevante para a consolidação das práticas arquivísticas.

Este caminho percorrido vislumbrou uma consolidação com uma vasta publicação de materiais. Desta forma, a Arquivística foi aprofundando-se enquanto teoria nos anos 70 devido ao desenvolvimento científico.

Os anos 70 revelaram-se também como uma época particularmente rica no que respeita ao aprofundamento das questões teóricas que mais significado tiveram para o desenvolvimento científico da disciplina. (SILVA et al, 2009, p.149)

Levando em consideração todo avanço propiciado

Em termos globais, pode-se afirmar que os anos 70 foram uma época de aprofundamento de questões essenciais para a formulação de um corpo teórico susceptível de suportar uma fundamentação científica da Arquivística. (SILVA et al, 2009, p. 155).

Assim podemos considerar pertinente o que afirma Oliveira (2015) quando expõe que o crescimento do Arquivista deu-se em conjunto ao processo de desenvolvimento social, econômico e tecnológico.

Desse modo, Tavares (2011,p.36) corrobora com o pensamento de Oliveira (2015) ao afirmar que

Se, antes, o seu desenvolvimento ocorria através do surgimento de um código estruturado de escrita ou, até, de movimentos revolucionários como a Revolução Francesa, hoje, temos um Arquivista “contemporâneo”, que também se originou dessas vicissitudes.

2.1 INDÍCIOS HISTÓRICOS DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E NA PARAÍBA

O fazer arquivístico não é uma prática recente como apresenta-se para muitos, tratando-se de Brasil, a história da Arquivologia está relacionado com a do Arquivo Nacional.

A criação do Arquivo Nacional foi em 1838, antes Arquivo Público do Império, por meio da Constituição de 1824, criado com a finalidade promover a

guarda dos documentos públicos à época divididos e organizados em dois setores a saber: Administrativo e Legislativo.

Documentos, mapas, manuscritos, livros, objetos e entre outros, trazidos pela Família Portuguesa constituíram a matéria-prima para o processo de consolidação de ambientes como Arquivo, Biblioteca e Museu. Estes locais, seriam por excelência, espaços de memória, os quais, abrigariam todo material que fosse descarregado dos navios aportados inicialmente em 1808, propiciando uma organização e preservação dos chamados documentos oficiais (TANUS; ARAUJO, 2013).

A demanda por profissionais capacitados em manusear os documentos trazidos havia surgido, e como no Brasil ainda não existia um curso que tratasse sobre técnicas arquivísticas, nasceu então um ponto de ligação entre o novo e a necessidade de tratamento com a documentação.

Em 1971 a Arquivologia ganha mais um sinal de consolidação no Brasil com a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros que data do ano de 1971.

Na falta de uma centralização ou de uma coordenação administrativa que abranja a totalidade dos Arquivistas do Brasil, existe no país, desde 1971, um órgão não-oficial que assume função notável neste campo. Trata-se da Associação dos Arquivistas Brasileiros, que conta com mãos de 2 mil sócios [...] (DUCHEIN, 1979, p.28 apud FONSECA, 2005, p.67)

Ligado diretamente ao foco de nossa pesquisa em debruça-se sobre a Arquivologia na academia, o grande marco nesse sentido deu-se no ano de 1972, onde por meio do Parecer nº 212, de 7 de março emitido pelo Conselho Federal de Educação, é autorizada a criação dos Cursos de Arquivologia em nível superior no Brasil (CASTRO, 1979; AAB, 1978 apud MARQUES, 2007).

Os primeiros passos visando à consolidação do curso superior em Arquivologia deu-se no I Congresso Brasileiro de Arquivologia, o CBA, em 1972, com a apresentação de um projeto de currículo para os cursos no Brasil. (CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 1972 apud MARQUES, 2007), tendo como instituições pioneiras a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na cidade de Santa Maria no Rio Grande do sul, e a Universidade Federal Fluminense (UFF), com sede em Niterói no Rio de Janeiro.

Com o intuito de demonstrar o crescimento acadêmico de inserção do Curso de Graduação em Arquivologia no Brasil, apresentamos uma tabela com as universidades separadas por região e por ordem de criação do curso.

Tabela 01 – Relação dos cursos de Arquivologia por região

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	ANO
Centro-Oeste	Universidade de Brasília (UNB)	1991
	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	1998
Nordeste	Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	2006
	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	2008
Norte	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	2008
	Universidade Federal do Pará (UFPA)	2012
Sudeste	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	1977
	Universidade Federal Fluminense (UFF)	1978
	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	2000
	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	2003
	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2009
Sul	Universidade de Santa Maria (UFSM)	1977

Universidade Estadual de Londrina (UEL)	1997
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	1999
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	2008
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2010

Fonte: Adaptação do quadro de Mendes (2014)

A região Nordeste onde está inserida a universidade estudada, UFPB, possui três universidades que ofertam o curso de Arquivologia, duas federais (UFBA e UFPB) e uma estadual (UEPB). A Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi a pioneira do Nordeste, a inserir o Curso de Arquivologia em sua grade, em 1998. Porém ao olhar para o estado da Paraíba observa-se que João Pessoa é a cidade que possui a maior oferta do curso de Arquivologia, possuindo dois cursos distribuídos na Universidade Estadual da Paraíba e outro na Universidade Federal da Paraíba.

O ensino de Arquivologia na Paraíba se inicia em nível de Pós Graduação lato sensu, com o curso de Especialização em Organização de Arquivos¹, já se tratando em nível de graduação a instituição pioneira foi a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde no ano de 2006, por meio da RESOLUÇÃO/UEPB/CONSUNI/010/2006 do Conselho Universitário, assinada pela então Reitora Marlene Alves Sousa Luna, cria o curso de Arquivologia nos turnos matutino e noturno ambos com duas entradas anuais de 45 alunos. O curso foi criado no Campus V, localizado em João pessoa.

A Universidade Regional do Nordeste (URNe), atual UEPB, foi fundada em 15 de março de 1966, na cidade de Campina Grande com expansão de campus na nas cidade de Lagoa Seca (Campus II - Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA), foi em criado em 7 de fevereiro de 2007), Guarabira (Campus III - Centro de Humanidades (CH). O CH foi incorporado à UEPB em 26 de novembro de 1987), Catolé do Rocha (Campus IV - Centro de Ciências Humanas e Agrárias (CCHA)),

¹ <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11198/6335>

João Pessoa (Campus V - Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas (CCBSA), foi inaugurado em 28 de agosto de 2006), Monteiro (Campus VI - Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE)), Patos (Campus VII - Centro de Ciências Exatas e Aplicadas (CCEA)) e Araruna (Campus VIII - Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde (CCTS), inaugurado em 20 de setembro de 2010).

A URNe passou a ser Estadualizada em 1987, por meio do reconhecimento do MEC em 1996 e também pela conquista da Autonomia Financeira, dada por meio da Lei Estadual nº 7.643 de 06 de agosto de 2004.²

Já em 2008, nasce na Universidade Federal da Paraíba por meio da Resolução do Consuni 041 o curso de Graduação em Arquivologia, assinada pelo então Reitor Rômulo Soares Polari, onde cria o curso com lotação no Centro de Ciências Sociais Aplicadas localizado no Campus I da UFPB, que fica na capital paraibana, João Pessoa. Um ponto na resolução nos chama muito atenção quando em uma das considerações pontua que “a demanda que impõe a criação do Curso de Arquivologia em razão da necessidade de capacitar profissionais para atuar na área;” o qual demonstra que a finalidade é capacitar profissionais que atuem na área.

A Universidade da Paraíba foi criada pela Lei Estadual nº 1.366 de 02 de dezembro de 1995, resultado da junção de algumas escolas superiores existentes no estado. Tendo sua federalização aprovado pela Lei nº 3.835 de 13 de dezembro de 1960, passou a ser a Universidade Federal da Paraíba.

A UFPB se expandiu para outras cidades da Paraíba ficando João Pessoa com o Campus I e com os Centros: Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN); Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA); Centro de Ciências Médicas (CCM); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); Centro de Educação (CE); Centro de Tecnologia (CT); Centro de Ciências Jurídicas (CCJ); Centro de Biotecnologia (CBiotec); Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR); Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA); Centro de Informática (CI) e Centro de Energias Alternativas Renováveis (CEAR), Areia (Campus II - Centro de Ciências Agrárias (CCA)), Bananeiras

²<http://www.uepb.edu.br/universidade-estadual-completa-49-anos-com-historia-de-dedicacao-a-paraiba-e-ao-povo-paraibano/>

(Campus III - Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) e Mamanguape e Rio Tinto (Campus IV - Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE)).

3. O MERCADO DE TRABALHO PARA O ARQUIVISTA: um campo sendo desbravado

A atuação mercadológica do Arquivista é bastante ampla, seja no segmento privado ou público. Nestes espaços existem uma produção constantemente documentos que precisam serem tratados por profissionais qualificados e que saibam tratá-los desde a origem até a sua destinação final. Sendo assim, torna-se necessário e importante cada vez mais a atuação do Arquivista na sociedade, além de ser o profissional mais adequado para atuação, ele detém de conhecimentos gerenciais e técnicos que visam manter adequadamente organizados a documentação, assegurando acesso rápido as informações.

Segundo Souza (2011) o Arquivista pode atuar em diversos ramos do mercado, desde instituições de saúde à órgãos judiciários. Ainda segundo o autor, os Arquivistas tem espaço para atuação nas instituições arquivísticas públicas e/ou privadas, os centros de documentação e informação, as universidades e os centros de pesquisa, as filmotecas, e os museus, junto com os bancos de dados.

Além disso, também se inserem as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativos, executivo e judiciário entre outros. De fato, qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os Arquivistas. (SOUZA, 2011,p.12).

Com a função social de expressa relevância, o Arquivista tem uma atuação importante visto que trata, em sua maioria, de informações que são de interesse público e que visam a utilidade.

Apesar de ter a profissão regulamentada pela Lei de nº 6.546, de 4 de julho de 1978, onde traz em seu *caput* "Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências", nota-se que ainda

hoje, profissionais não qualificados para tratarem com documentação, estão sendo contratados por empresas para desempenharem atribuições arquivística, sendo estes responsáveis por uma gestão não apropriada (OLIVIERA, 2015).

Observa-se também que em alguns editais de concurso público quando trata sobre recrutamento para seleção de Arquivista, não é raro encontrar exigência apenas do Ensino Médio para exercer um cargo que exige o nível superior.

Em 1991 foi sancionada a Lei n.º 8.159 que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, trazendo no Art. 1º que é

“dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação.”

Ou seja, a lei apresenta-se de forma a enfatizar ainda mais a importância do Arquivista no que se refere a gestão documental, com ênfase nos arquivos públicos³ e privados⁴.

Outro fator destacável na Lei é o artigo 25, quando discute que a destruição de documentos, ocasionada por vezes pela má gestão, gera responsabilidade penal, civil e administrativa.

Art. 25 - Ficarà sujeito à responsabilidade penal, civil e administrativa, na forma da legislação em vigor, aquele que desfigurar ou destruir documentos de valor permanente ou considerado como de interesse público e social.

Assegurando a preservação documental, e o acesso ágil e eficaz da informação, a então presidente Dilma Rousseff sanciona a Lei n.º 12.527/11 com a intento de regulamentar o acesso a informação já previsto no inciso XXXIII do art. 5 quando diz que

³A lei 8.159/91 traz a definição de arquivo público no Art. 7º - “Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias”

⁴A lei 8.159/91 traz a definição de Arquivo Privado no Art. 11 - “Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades.”

todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado;

Nos incisos 2º e 3º do art. 37, é retratada a questão da segurança das informações consideradas sigilosas, onde busca

garantir a segurança de informações sigilosas, inclusive aquelas provenientes de países ou organizações internacionais com os quais a República Federativa do Brasil tenha firmado tratado, acordo, contrato ou qualquer outro ato internacional, sem prejuízo das atribuições do Ministério das Relações Exteriores e dos demais órgãos competentes.

A Lei de Acesso a Informação (LAI) n.º 12.527/11, vem destacar uma preocupação quanto o acesso a informação, visto que tece sobre os direitos de acesso aos seguintes tipos de informação

Art. 7º O acesso à informação de que trata esta Lei compreende, entre outros, os direitos de obter:

I - orientação sobre os procedimentos para a consecução de acesso, bem como sobre o local onde poderá ser encontrada ou obtida a informação almejada;

II - informação contida em registros ou documentos, produzidos ou acumulados por seus órgãos ou entidades, recolhidos ou não a arquivos públicos;

III - informação produzida ou custodiada por pessoa física ou entidade privada decorrente de qualquer vínculo com seus órgãos ou entidades, mesmo que esse vínculo já tenha cessado;

IV - informação primária, íntegra, autêntica e atualizada;

V - informação sobre atividades exercidas pelos órgãos e entidades, inclusive as relativas à sua política, organização e serviços;

VI - informação pertinente à administração do patrimônio público, utilização de recursos públicos, licitação, contratos administrativos; e

VII - informação relativa:

a) à implementação, acompanhamento e resultados dos programas, projetos e ações dos órgãos e entidades públicas, bem como metas e indicadores propostos;

b) ao resultado de inspeções, auditorias, prestações e tomadas de contas realizadas pelos órgãos de controle interno e externo, incluindo prestações de contas relativas a exercícios anteriores.

Pode-se destacar ainda um ponto relevante e que pode contribuir para um maior ingresso dos Arquivistas nos setores da administração pública, é o tempo de resposta ao usuário, onde a LAI afirma que a informação deve ser passada ao usuário num prazo de 20 dias, porém caso haja necessidade expressa, as instituições podem solicitar uma dilatação máxima de 10 dias, tendo assim o usuário acesso a informação em um tempo máximo de 30 dias, conforme artigo 11.

Art. 11. O órgão ou entidade pública deverá autorizar ou conceder o acesso imediato à informação disponível.

§ 1º Não sendo possível conceder o acesso imediato, na forma disposta no caput, o órgão ou entidade que receber o pedido deverá, em **prazo não superior a 20 (vinte) dias**: (grifo nosso)

I - comunicar a data, local e modo para se realizar a consulta, efetuar a reprodução ou obter a certidão;

II - indicar as razões de fato ou de direito da recusa, total ou parcial, do acesso pretendido; ou

III - comunicar que não possui a informação, indicar, se for do seu conhecimento, o órgão ou a entidade que a detém, ou, ainda, remeter o requerimento a esse órgão ou entidade, cientificando o interessado da remessa de seu pedido de informação.

§ 2º O prazo referido no § 1º poderá **ser prorrogado por mais 10 (dez) dias, mediante justificativa expressa**, da qual será cientificado o requerente. (grifo nosso).

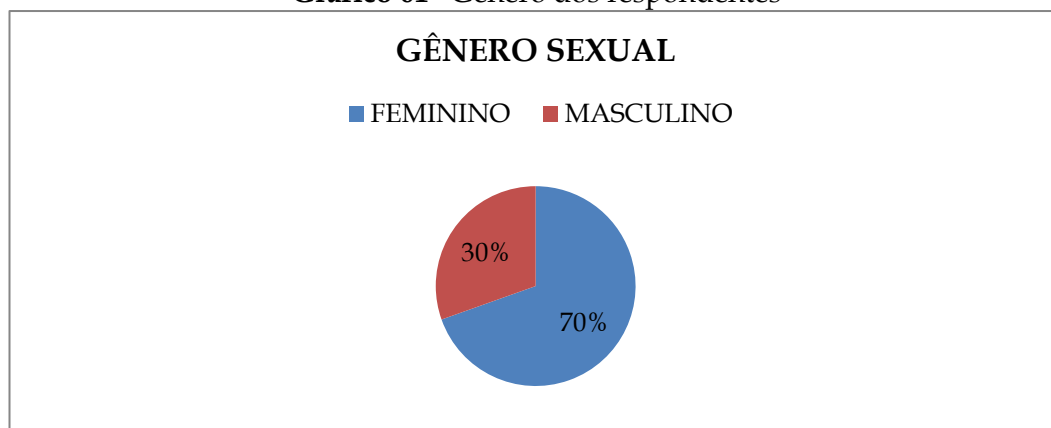
Partindo desses avanços na legislação brasileira, observamos que ela possibilita uma maior inserção no mercado de trabalho do Arquivista.

4. COLETANDO OS DADOS, ANALIZANDO OS RESULTADOS

Ao iniciarmos a aplicação do questionário, consideramos relevante traçarmos o perfil dos respondentes, assim destacamos pontos como: gênero e faixa etária; e se o discente está atualmente inserido no mercado de trabalho, caso a resposta seja positiva, consideramos saber se no atual emprego este utiliza práticas arquivísticas. Para podermos trabalhar os três grupos de forma eficiente, foi questionado qual o período eles estavam matriculados.

Dos respondentes foi percebido que o curso de Arquivologia da UFPB é formado por um corpo discente com maior percentual do gênero feminino, neste caso observamos da nossa amostra 70% do gênero feminino e 30% masculino, conforme apresentado no **gráfico 01**.

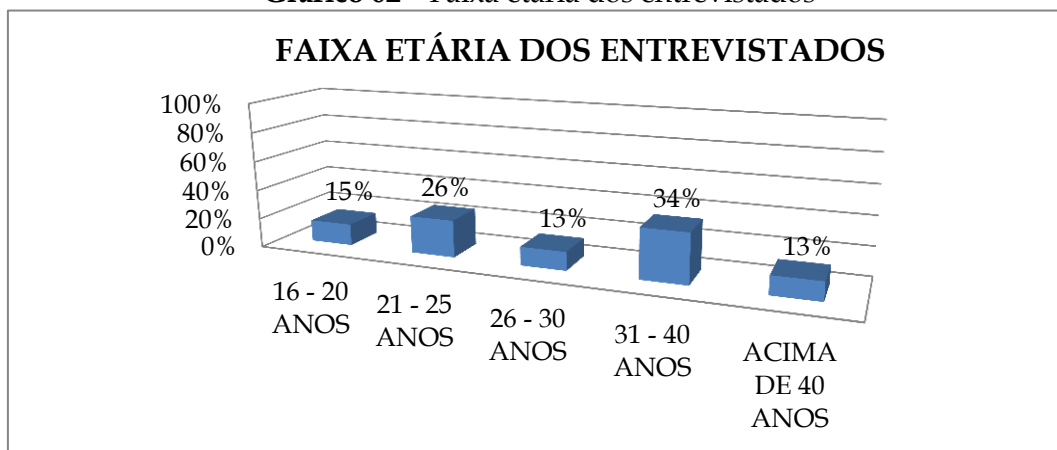
Gráfico 01- Gênero dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Em seguida buscamos traçar a faixa etária dos respondentes. Após análise observamos que grande parte possui faixa etária entre 31 e 40 anos, estes somam 36%, seguidos dos que se enquadram entre 21 e 25 anos (26%), já os que se inserem entre 26 e 30 anos, como também os que possuem acima de 40 anos, representam 13%, e por fim, os mais jovens com idades entre 16 e 20, somando 15%. Conforme visualizamos no **gráfico 02**.

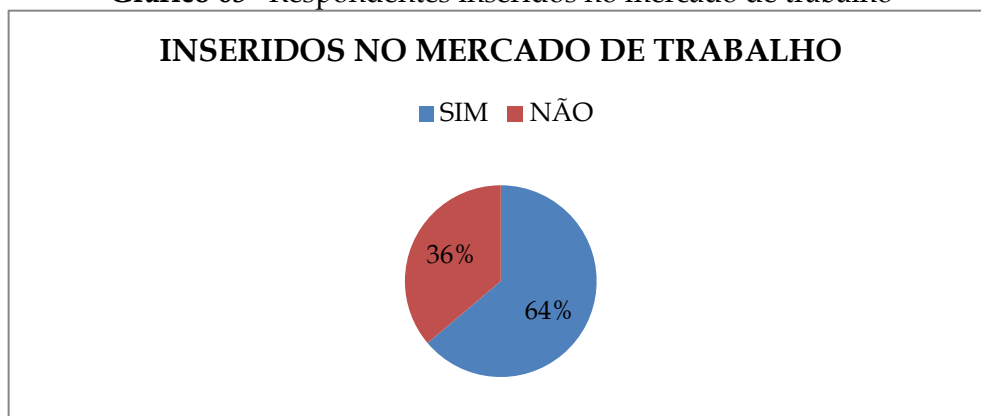
Gráfico 02 - Faixa etária dos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

No decorrer do perfil, consideramos importante compreendermos se os respondentes estão inseridos no mercado de trabalho, haja vista que o curso de graduação em Arquivologia da UFPB é noturno. É importante destacarmos que não consideramos estágio como vínculo trabalhista. Sobre esta perspectiva observamos que 36% dos respondentes não estão trabalhando, mas 64% dos respondentes estão inseridos no mercado de trabalho, fato este que não impede de realizarem o curso de Arquivologia. Observando esse contexto, consideramos relacioná-lo com a faixa etária, que em sua maioria, tem idade entre 31 e 40 anos, idade produtiva, muitos com família para sustentar.

Gráfico 03 – Respondentes inseridos no mercado de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Com relação ao seguimento que trabalham, nos deparamos com uma realidade que remete a um percentual 17% de graduandos de Arquivologia na UFPB que trabalham no comércio. 10% trabalham no segmento da saúde, seguindo de mais 10% em Serviço Públicos, 7% de setores Administrativo, mais 7% em serviços de segurança e por fim, 7% que trabalham já com arquivos. Os demais, tem seus empregos relacionados à computação, pet shop, indústria, entre outros seguimentos, conforme visualizamos no **gráfico 04**.

Gráfico 04 - Segmento de Trabalho

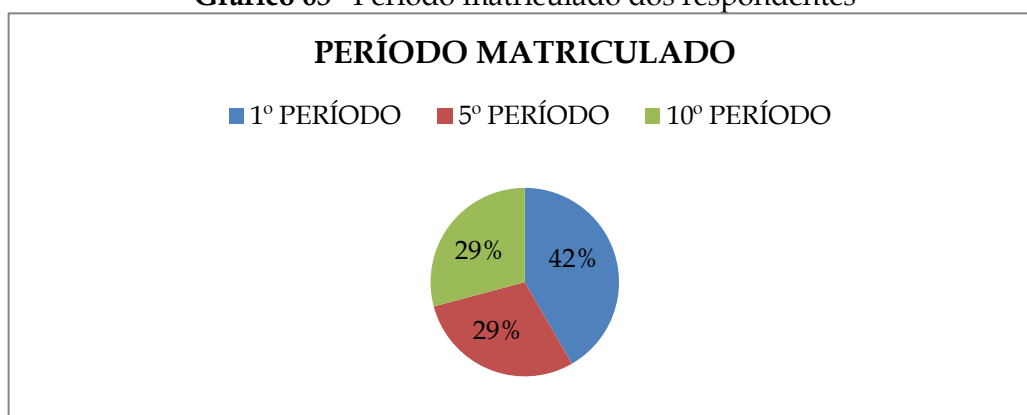


Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Questionamos também os respondentes se as funções desempenhadas no segmento de trabalho possuem alguma relação com as práticas arquivísticas, e observamos que apenas 23,33 % dos respondentes executam práticas arquivísticas em seu trabalho, o que corresponde a um total de 7 pessoas. É importante destacarmos que grande parte dos respondentes trabalham no setor privado, juntos somam 63% enquanto os outros 37% trabalham no setor público (municipal, estadual e federal).

Nosso Campo de pesquisa conforme citado anteriormente, se deu nos estudantes do primeiro, quinto e décimo período do curso de Arquivologia da UFPB, tivemos uma participação mais significativa dos estudantes dos primeiro período correspondendo a 42% do total de respondentes, enquanto que os alunos do quinto e décimo período representam 29% cada.

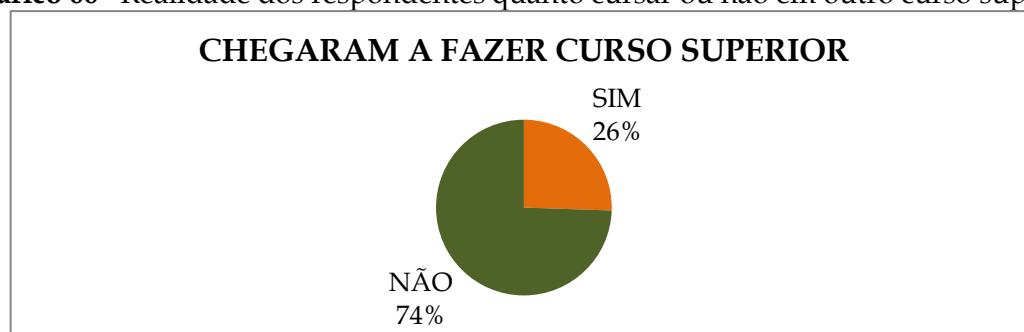
Gráfico 05– Período matriculado dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Partindo do perfil dos participantes desta pesquisa, buscamos questionar com relação a visão deles sobre a inserção dos mesmos nos mercado de trabalho na seara da Arquivologia. Inicialmente questionamos se os respondentes já possuem algumas curso superior, e observamos que grande maioria dos estudantes (74%) escolheram o curso de Arquivologia como sua primeira graduação, enquanto que 26% deles, já cursaram outra formação superior. Conforme visualizamos no **gráfico 06**.

Gráfico 06– Realidade dos respondentes quanto cursar ou não em outro curso superior



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Do quantitativo de alunos que já frequentaram algum curso superior, 58% chegou a concluir o curso, e os outros 42% não concluíram por alguns motivos.

Tabela 02 – Fala dos que não concluíram o curso superior anterior

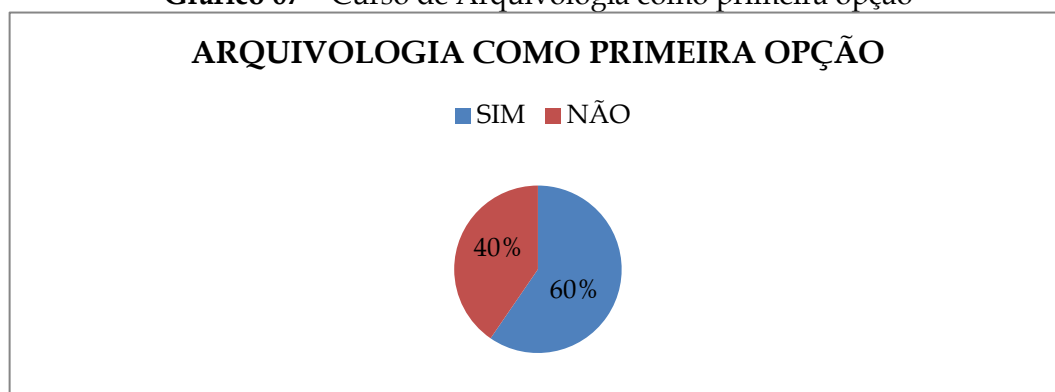
A1	Falta de demanda para emprego
A10	Não concluiu com o trabalho
B2	Falta de interesse no conteúdo da universidade

C4	Não estava feliz com a escolha.
C6	Para trabalhar
C7	Fiz cursos profissionalizantes

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Quando questionados se o curso de Arquivologia havia sido a primeira opção, grande maioria dos respondentes (60%) afirmaram ter sido, já 40% escolheu o curso de Arquivologia como segunda opção.

Gráfico 07 – Curso de Arquivologia como primeira opção

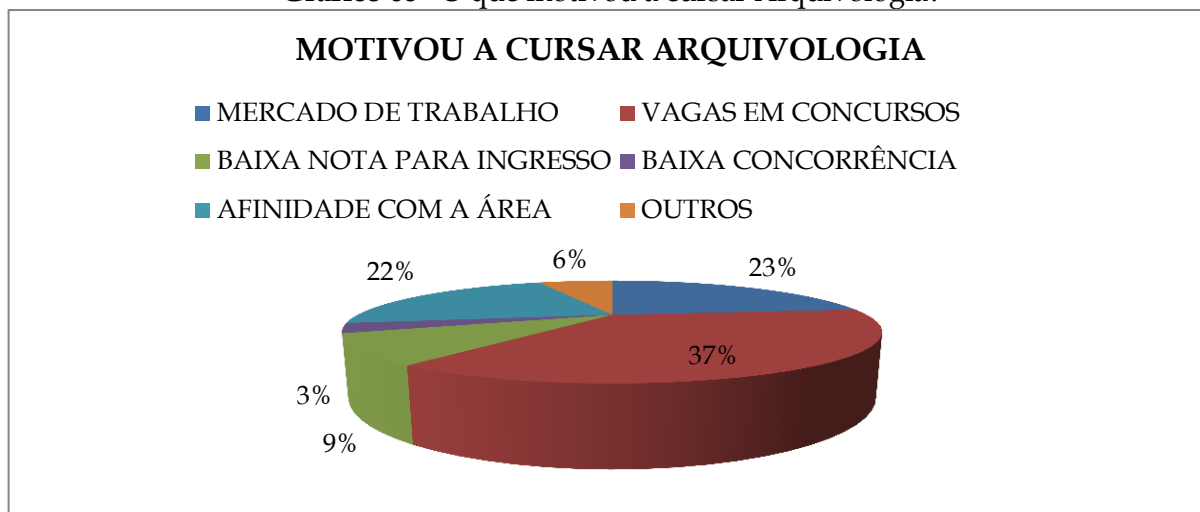


Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Questionamos também aos estudantes quais as motivações para cursar Arquivologia. Apresentamos cinco motivos no questionário (Mercado de trabalho; Vagas em concursos públicos; Baixa nota para ingresso; Baixa concorrência no ENEM; Afinidade com a área), e também, deixamos um espaço caso houvesse a necessidade do respondente colocar outro motivo, vale destacar que nessa questão era permitido serem marcados mais de um motivo.

Assim, quando norteados a responderem sobre o que os levou a fazer o curso de Arquivologia 37% dos respondentes afirmaram terem procurado o curso pela quantidade de vagas que aparecem nos concursos públicos, o segundo maior motivo exposto foi o mercado de trabalho 23%, já em terceiro lugar foi a afinidade com a área com 22%. Baixa nota para ingresso 9%, baixa concorrência (3%), e outros motivos que não especificados pelos respondentes ficaram com 6%.

Gráfico 08– O que motivou a cursar Arquivologia?



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Indagamos aos discentes como eles visualizam o mercado de trabalho, como a resposta foi subjetiva, foi necessário fazer uso da categorização das falas para podermos quantificá-las, pois de acordo do Gil (2002, p.134)

[...] categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Isso requer a construção de um conjunto de categorias descritivas.

Assim categorizamos em quatro grupos:

Tabela 03 – Categorias das respostas obtidas na questão 10

CATEGORIAS	RESPOSTAS OBTIDAS
UM MERCADO AINDA A SER MELHOR DESENVOLVIDO	A4 - "NÃO SEI, ACREDITO QUE SEJA UM MERCADO EM CRESCIMENTO [...]"
	A14 - "É UMA ÁREA QUE ESTÁ CRESCENDO [...]"
	B3 - "AINDA EM DESCONHECIDO, MAS EM CONSTANTE CRESCIMENTO"
	C4 - "BOM, UM MERCADO QUE AINDA ESTÁ CRESCENDO"
UM MERCADO PROMISSOR	A1 - "ELE POSSUI VÁRIAS POSSIBILIDADES"

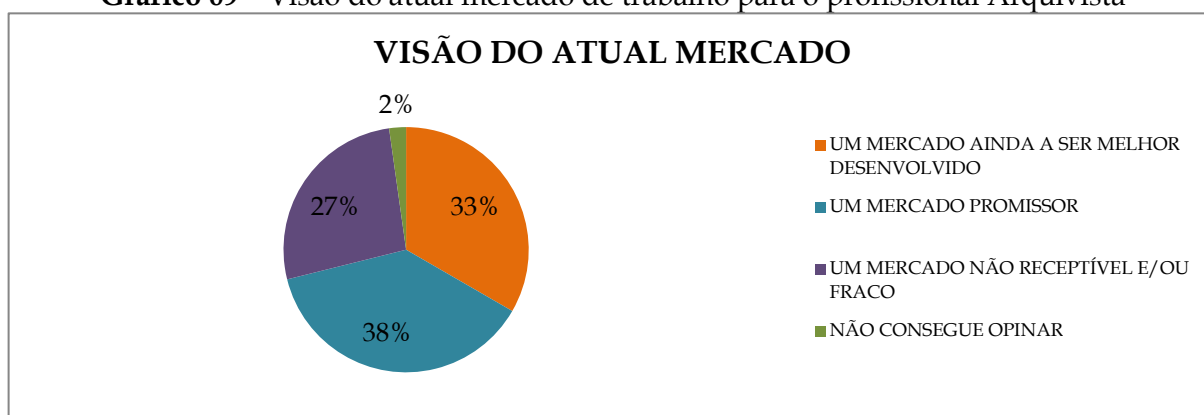
	A10 - "MUITO PROMISSOR COM DIVERSAS OPORTUNIDADES"
	B13 - "UM MERCADO MUITO PROMISSOR DEVIDO A FALTA DE PROFISSIONAIS NA ÁREA"
	C6 - "OTIMISTA E MUITA ANIMAÇÃO PARA EMPREENDER"
UM MERCADO NÃO RECEPTÍVEL E/OU FRACO	A17 - "PÉSSIMO, APÓS APROVAÇÃO DE NOVAS LEIS PARA CONCURSO"
	B11 - "ACHO QUE O PROFISSIONAL ARQUIVISTA AINDA NÃO É MUITO VALORIZADO[...]"
	C1 - "FRACO ESPECIFICADAMENTE NA PB"
	C10 - "POUCO VALORIZADA, E POUCA VAGA NO MERCADO DE TRABALHO"
NÃO CONSEGUE OPINAR	A20 - "NÃO CONHECO AINDA PARA OPINAR"

Fonte: Dados da Pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Após fazer a análise nos dados como um todo, procedemos a análise por grupos, onde cada grupo corresponde a um grupo de alunos: Grupo A (primeiro período), Grupo B (quinto período) e Grupo C (décimo período).

Partindo da análise conjunta dos grupos observou-se que grande maioria dos que participaram da pesquisa compreendem o mercado para a atuação do profissional de Arquivo de forma promissora, o que corresponde a 38%. Já os que observam que o campo de atuação ainda está em desenvolvimento, somam 33%; os outros 27% acreditam que o mercado não se apresenta de forma receptiva aos Arquivistas e 2%, por algum motivo não conseguiram opinar sobre a visão de mercado do profissional de arquivo.

Gráfico 09 – Visão do atual mercado de trabalho para o profissional Arquivista



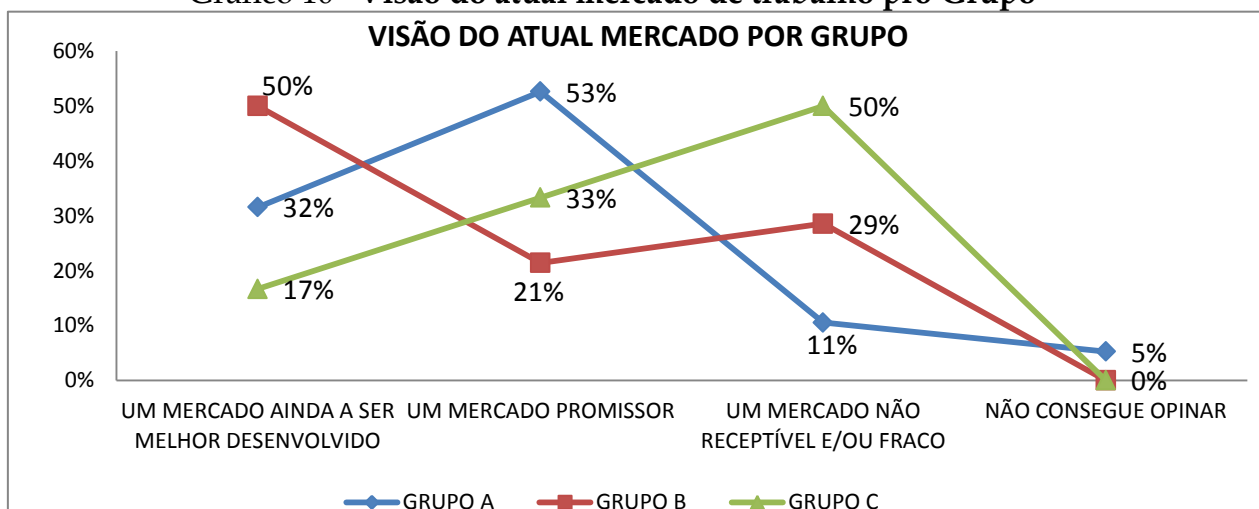
Fonte: Dados da Pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Quando analisamos os grupos separados observamos que no Grupo A, grande parte dos respondentes veem o mercado de trabalho promissor (53%) para o profissional de arquivo; já 32% acreditam que o mercado ainda esteja em desenvolvimento; 10% acreditam que até agora o mercado não está apresentando uma boa receptividade mostrando-se fraco no que se refere ao inclusão do Arquivista, e nota-se também, que 5% não conseguiu opinar sobre a pergunta conforme gráfico abaixo.

Quando analisado de forma separada o grupo B, sua grande maioria, 50%, acredita que o mercado Arquivístico classifica-se como em desenvolvimento; 29% não observa o mercado com uma fraqueza no que refere a aceitação, enquanto 21% considera a atuação mercadológica como promissora.

Debruçando-se na análise das respostas do Grupo C, é percebido que 50% acredita que o mercado ainda não está tão aberto para receber o profissional Arquivista, entretanto 33% acreditam que existe um mercado promissor no aguardo pelos profissionais e 17% ainda observa que o mercado passa por um momento de crescimento.

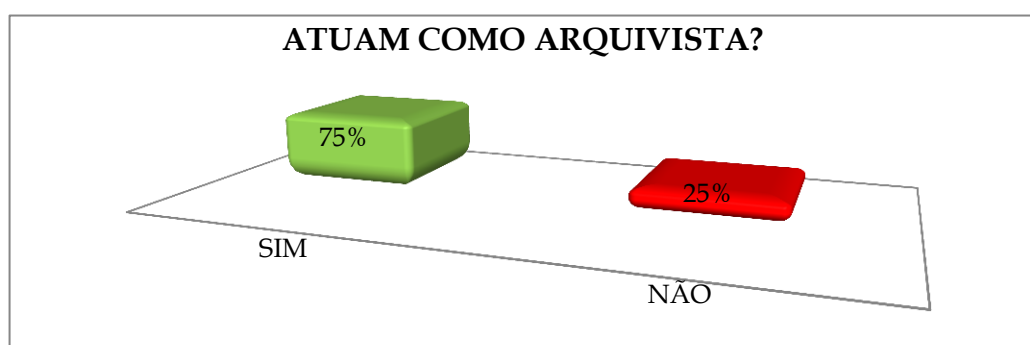
Gráfico 10- Visão do atual mercado de trabalho pro Grupo



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Nossa pesquisa debruçando-se quanto a visão de mercado dos graduando, procuramos de outro modo saber se os entrevistados tem contato com Arquivistas, e se estes, atuam como próprios, e também, em qual segmento podemos encontrá-los. Notamos que 72% dos que responderam ao questionário conhecem algum Arquivista formado, enquanto 28% não conhecem. Desses profissionais conhecidos 75% exercem a função de Arquivista em seu local de trabalho e 25% provavelmente exerce outra função e/ou atua com desvio de função.

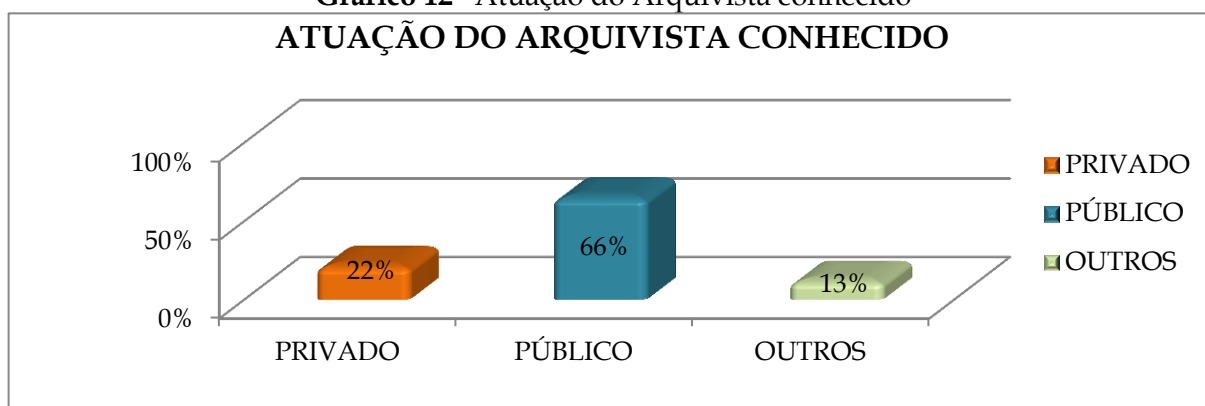
Gráfico 11 - Atuam como Arquivista



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Já destes que atuam como Arquivista, grande parte trabalho no setor público, somando 66%, os que se dedicam aos setores privados correspondem a 22%, e alguns dos que responderam não souberam responder a essa questão preferiram responder “outros” 4%.

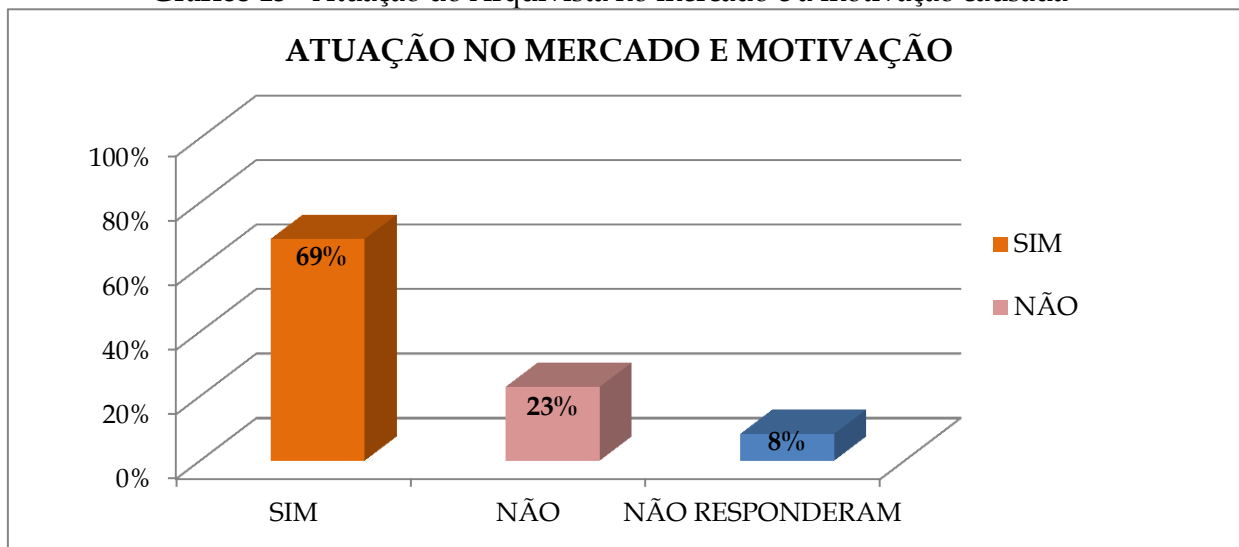
Gráfico 12- Atuação do Arquivista conhecido
ATUAÇÃO DO ARQUIVISTA CONHECIDO



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

É comum nas classes trabalhistas os graduandos fazerem uma observação quanto a atuação daqueles que já estão no mercado de trabalho, para assim, trilhar uma prévia do futuro. Desta forma buscamos saber como está essa motivação dos atuais graduandos sob o seu ponto de vista e obtivemos que um número expressivo dos respondentes, 69% sentem-se motivados pela atual visão quanto a atuação dos Arquivistas no mercado, por outro lado 23% disseram não se sentirem tão motivados bem como 8% preferiram não responder.

Gráfico 13 - Atuação do Arquivista no mercado e a motivação causada

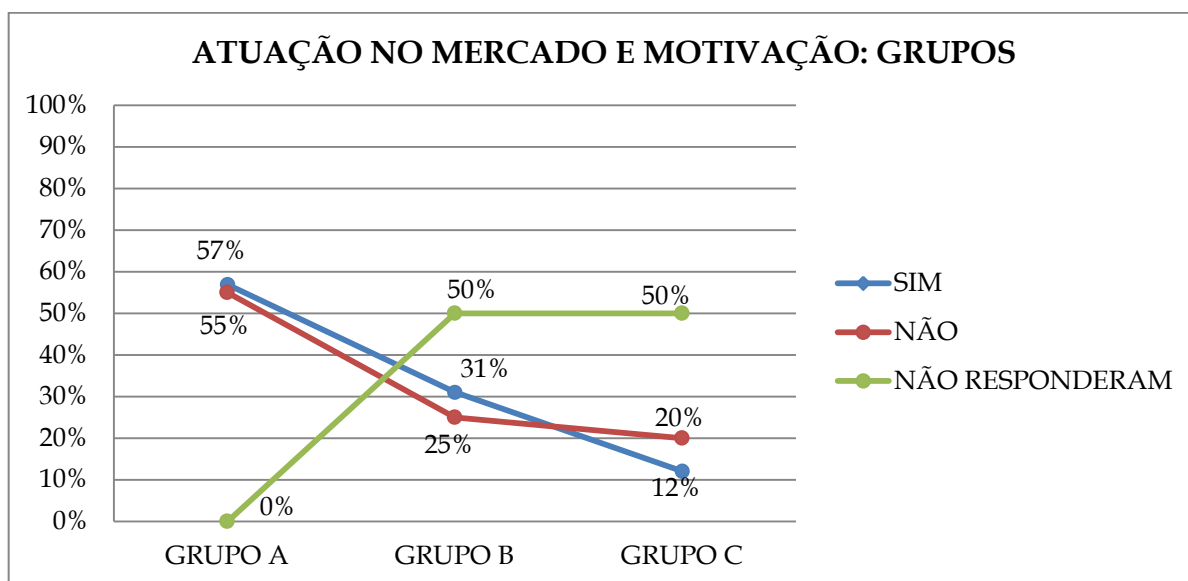


Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Com o propósito de compreendermos mais de perto os dados gerais expressos pelo gráfico anterior, separamos os dados por grupo e prosseguimos com uma análise individual acompanhando os grupos em sua resposta.

Partindo do pressuposto de que o Grupo C ingressará em um menor tempo no mercado de trabalho, é questionável a falta de motivação passa estes pelos Arquivistas que já atuam, visto que 20% dos que responderam não sentem-se motivados, estando apenas 12% possivelmente feliz pela atuação dos Arquivistas no mercado. Já os Grupos A e B tem um olhar diferente, estando respectivamente, 57% e 55% motivados pela atuação.

Gráfico 11- Atuação do Arquivista no mercado e a motivação causada: análise por grupos



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Nosso questionário foi finalizado com a seguinte indagação: “O que você espera do mercado de trabalho, ao concluir o curso de Arquivologia?” As respostas foram separadas por três categorias: Perspectiva Positiva, Perspectiva Negativa e Não Responderam.

Tabela 04 – Categorias das respostas obtidas na questão 14

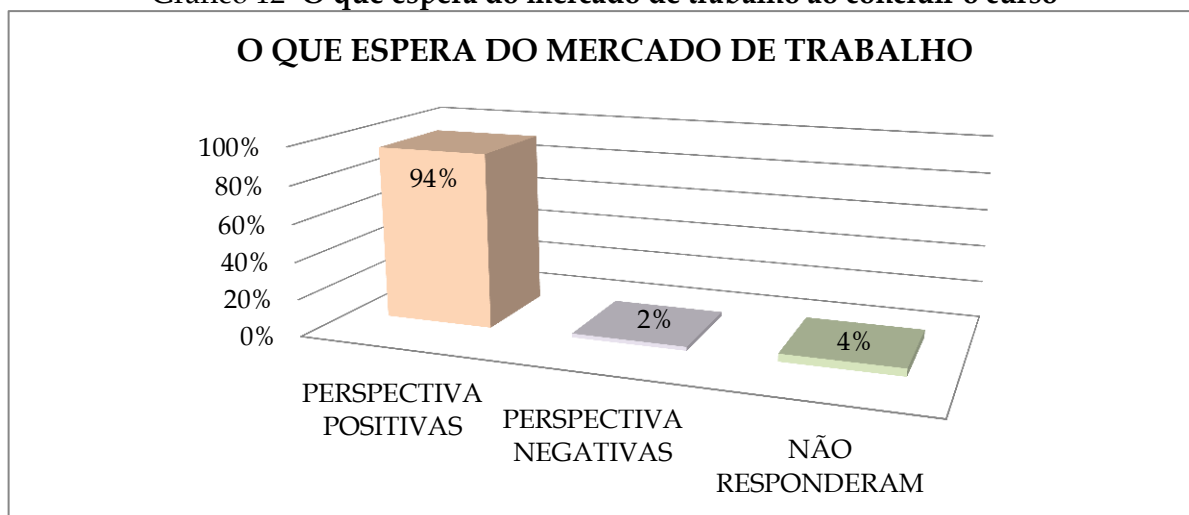
CATEGORIAS	RESPOSTAS OBTIDAS
PERSPECTIVA POSITIVA	A6 - "ESPERO QUE HAJA VÁRIAS VAGAS DE TRABALHO"
	A15 - "QUE TENHA BASTANTE VAGA E QUE TENHA BASTANTE CONCURSO"
	B4 - "BONS SALÁRIOS, VAGAS DISPONÍVEIS"

	C11 - "UMA OPORTUNIDADE PRA TRABALHAR"
PERSPECTIVA NEGATIVA	A14 - "TALVEZ IREI TROCAR O CURSO, POR ESTE NÃO TENHO PERSPECTIVA"
NÃO REPONDERAM	DEIXARAM A QUESTÃO EM BRANCO

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

Assim pudemos enxergar que grande parte dos respondentes, totalizando 94% responderam que ter uma perspectiva positiva relacionado ao mercado de trabalho, enquanto 2% apresentou ter uma perspectiva negativa e os outros 4% optaram por não responder.

Gráfico 12 -O que espera do mercado de trabalho ao concluir o curso



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo autor. João Pessoa, 2017

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movidos pelo principal objetivo deste trabalho que é o saber qual a perspectiva de mercado para os graduandos, buscando conjuntamente traçar um perfil desse graduando e observando que grande maioria dos que estão na graduação aspiram por uma estabilidade financeira, os dados só veem a confirmar as expectativas dos discentes das academias.

Procedendo a análise dos dados fica possível traçar um perfil dos graduandos de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba. Observa-se que grande maioria dos responderam são do gênero feminino, o mesmo resultado apareceu na pesquisa realizada por Silva, Bessa e Souza (2015), o que pode apontar que a Arquivologia é uma área de predominância feminina, porém uma pesquisa realizada por Sousa (2002) apontou que a maioria dos estudantes eram do gênero masculino. Tratando-se da faixa etária de maior dominação observamos que fica entre 31 a 40 anos, o que divergiu dos resultados dos dados apontados por Silva, Bessa e Souza (2015), onde sua pesquisa apontou dominação entre as idades de 18 a 25 anos. Observamos também que grande maioria dos entrevistados com grande número já inserido no mercado de trabalho, com grande efervescência na área comercial, o que pode ser ocasionado por ser um curso noturno.

Com foco em atingir os objetivos, buscamos saber como o graduando observava o mercado de trabalho e o Arquivista que ele conhece, conseguimos saber que grande parte dos estudantes se sentem motivados em verem a atuação do Arquivista, porém ainda existe uma pequena parcela que não sente motivação alguma. Já quando nos referimos ao mercado de trabalho observamos que os graduandos têm boa perspectiva, o que também foi confirmado pela pesquisa de Silva, Bessa e Souza (2015). Paralelamente a boa perspectiva, nossa pesquisa apontou, por meio das respostas, que o mercado ainda precisa ser melhor desenvolvido, o que também foi apontado na pesquisa de Souza (2014).

É preciso fazer um comparativo futuro confrontando os dados da presente pesquisa e buscando traçar os avanços e/ou retrocessos que os graduandos de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba apontam, mas precisamente sobre o mercado Arquivístico.

Por fim, consideramos que a presente pesquisa nos apontou que existe uma perspectiva positiva relacionada ao mercado de trabalho, porém quanto a motivação do mercado observação que o grupo A apresenta uma maior motivação (57%) enquanto o grupo C (12%) apresenta sentir-se desmotivado ao observação a atuação do Arquivista no mercado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. **Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências.**

CONARQ. Legislação Arquivística. Disponível em

<<http://www.arquivonacional.gov.br>>. Acesso em: 30 mai de 2017.

BRASIL. Lei nº 8159, de 8 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências.** Disponível em

:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm Acesso em: 30 mai de 2017.

BRASIL. Lei nº 12.527 de 18 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a Lei de acesso a informação.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm Acesso em 30 mai de 2017.

CAMPOS, Maria Luiza Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Metodologia de elaboração de tesouro conceitual: a categorização como princípio norteador.

Perspectivas em ciência da informação, v. 11, n. 3, p. 348-359, 2006.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da informação**. FGV Editora, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAWABATA, Priscila Etsuco; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Competências e habilidades solicitadas em concursos públicos para a atuação profissional do Arquivista. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 84-116, 2015.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil**. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MENDES, D. S. **O perfil profissional dos egressos do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba**. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2002.

OLIVEIRA, Ligia Santos de. **A inserção do Arquivista no mercado de trabalho: realidade do egresso das universidades públicas na cidade de João Pessoa**. 2016. RESOLUÇÃOUEPB/CONSUNI/010/2006 de 29 de março de 2006. **Cria o curso de Bacharelado em Arquivologia no campus v da UEPB em João Pessoa-PB, e dá**

outras providências. Disponível em: <

[http://www.uepb.edu.br/download/resolucoes-consuni/consuni-2006/10-2006%20CRIA%20O%20CURSO%20DE%20ARQUIVOLOGIA%20\(Bacharelado\)%20NO%20CAMPUS%20V%20\(Joao%20Pessoa\).pdf.](http://www.uepb.edu.br/download/resolucoes-consuni/consuni-2006/10-2006%20CRIA%20O%20CURSO%20DE%20ARQUIVOLOGIA%20(Bacharelado)%20NO%20CAMPUS%20V%20(Joao%20Pessoa).pdf.)>. Acesso em: 23 jun. 2017.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol Fundamentos da disciplina arquivística. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998

SCHELLENBERG, T. R. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. Disponível em:<

https://books.google.com.br/books?id=UWcT1nOeLj0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 14 de jun de 2017.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos**. FGV Editora, 2002.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.]. *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

SILVA, Wanderson Monteiro da ; DE QUEIROZ BESSA, Amanda; DE SOUZA, Marcieli Brondani. **Perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas**. 2015.

SOARES, Ana Paula Alves; PINTO, Adilson Luiz; DA SILVA, Armando Malheiro. O paradigma pós-custodial na arquivística. **Páginas a&b**, p. 22-39, 2015.

SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. **O perfil do aluno de Arquivologia da Universidade de Brasília**. Gen. Arq, Brasília, v. 1, p. 27 - 30, jan./jun. 2002

SOUZA, Daniel Fernandes de. **Expectativas e percepção dos acadêmicos do curso de Arquivologia da UEPB com relação ao ingresso no mercado de trabalho arquivístico**. 2014.

SOUZA, K. I. M. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho** – Brasília: Starprint, 2011.

TANUS, Gabrielle Francinne; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O ensino da Arquivologia no Brasil: fases e influências. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 37, p. 83-102, 2013.

TAVARES, Derek Warwick da Silva. **A miopia do olhar: representações sociais dos alunos de Arquivologia e Biblioteconomia da UFPB a respeito do curso de Arquivologia e da profissão arquivística**. 2016.

APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

PARTE I: PERFIL DOS RESPONDENTES

1. Gênero:

- () Feminino
() Masculino

2. Faixa etária

- () 16-20 anos
() 21-25 anos
() 26-30 anos
() 31-40
() Acima de 40 anos

3. Atualmente você trabalha?

- () NÃO
() SIM

4. Se a resposta anterior for sim:

Em qual segmento você trabalha? _____

Sua função está relacionada à práticas arquivísticas? _____

Seu emprego é público ou privado? _____

5. Qual o período você está matriculado? _____

PARTE II: QUESTIONAMENTOS

6. Você já fez algum curso Superior?

- () NÃO
() SIM

7. Se a resposta anterior for sim:

Qual curso?

Concluiu? () SIM () NÃO

Se não, porque?

8. Arquivologia foi a sua primeira opção? () SIM () NÃO

Se não, qual foi a sua primeira opção?

9. O que levou você a cursar arquivologia?

() Mercado de trabalho

() Vagas em concursos públicos

() Baixa nota para ingresso

() Baixa concorrência no ENEN

() Afinidade com a área

() outros motivos _____

10. Como você visualiza o atual mercado de trabalho para o profissional arquivista?

11. Você conhece algum arquivista formado? ()SIM ()NÃO

12. Se a resposta anterior for sim:

Ele atua como Arquivista? ()SIM ()NÃO

Em qual segmento ele trabalha ()PÚBLICO ()PRIVADO ()OUTROS

13. Observando a atuação do profissional arquivista no mercado de trabalho, você se sente motivado?

()SIM ()NÃO

14. O que você espera do mercado de trabalho, ao concluir o curso de Arquivologia?

Obrigado!

APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a), esta pesquisa intitulada: EXPECTATIVA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO: analisando a visão de graduandos do curso de arquivologia da UFPB, tem como objetivo compreender a como os futuros arquivistas graduandos da UFPB, visualizam o mercado de trabalho na cidade de João Pessoa (PB). Para tanto, solicitamos a sua colaboração para responder o questionário, como também sua autorização para apresentarmos posteriormente os resultados. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Estaremos à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário com relação ao questionário da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa, ____ de _____ de_____.

Atenciosamente,

Assinatura do Participante da Pesquisa.